



## PRÓLOGO

Nessa altura, o rei não sabia que o seu amor maior seria também a sua ruína — nem que ambos viriam sob a forma de uma pequena e indefesa criança.

Ela era um palpitir de vida numa extensão infinda de decomposição, o único mortal vivo numa distância de mais de cento e cinquenta quilômetros. A criança teria talvez quatro anos, talvez oito — era difícil dizer, porque era tão, tão pequena, mesmo para padrões humanos. Apenas uma pequena criatura frágil, com cabelo preto liso a emoldurar uns grandes olhos cinzentos.

Era provável que algures, sob traves carbonizadas e pedra que se desmoronara, a família da rapariga estivesse irreconhecivelmente esmagada. Ou talvez os seus corpos devastados tivessem sido deixados lá fora, durante a noite, levados por predadores como os que agora perseguiram a criança, olhando para ela, lá em baixo, com o interesse que um falcão dedicava a um coelho.

Os humanos, claro, não eram mais do que isso neste mundo — presas, pragas ou, muitas vezes, ambas as coisas.

Três homens alados aterraram à sua frente, sorrindo da sua sorte. De imediato, a menina lutou contra os escombros que a prendiam. Reconhecia o que eles eram — reconhecia os dentes pontiagudos e as asas pretas e sem penas, e talvez até identificasse os uniformes, o roxo-escuro do Rei Cria-da-Noite dos Hiaj. Talvez os homens que tinham incendiado a sua casa usassem uniformes como aqueles.

Mas ela não conseguia escapar. A sua roupa estava rasgada e irremediavelmente enredada nas ruínas em redor. Era demasiado pequena para empurrar as pedras.

— Olha para isto. Um cordeirinho.

Os homens aproximaram-se. Quando um deles lhe estendeu o braço, ela rosnou-lhe, apanhando os seus dedos entre os pequenos dentes rombos.

O soldado sibilou e puxou a mão; os companheiros riram-se.

— Um cordeirinho? Parece-me mais uma víbora.

— Ou uma cobra-rateira — zombou outro.

O soldado mordido esfregou a mão, limpando umas gotículas de carmesim-escuro. Avançou para a criança.

— Não importa — resmungou. — O sabor é o mesmo. E não sei quanto a vocês, seus filhos da mãe, mas tenho fome depois de uma noite tão longa.

Mas, nesse momento, uma sombra desceu sobre eles.

Os homens imobilizaram-se. Baixaram a cabeça em vénias reverentes. O ar frio estremeceu, a escuridão a rodopiar em torno dos seus rostos e asas, como uma lâmina a acariciar uma garganta.

O rei Hiaj não pronunciou uma palavra. Não precisava. No momento em que deu a conhecer a sua presença, todos os guerreiros se silenciaram.

Não era o vampiro mais forte fisicamente. Não era o guerreiro mais feroz nem o sábio mais sagaz. Mas diziam que fora abençoado pela própria deusa Nyaxia, e quem o tivesse conhecido jurava ser verdade. O poder emanava-lhe de todos os poros, e a morte tingia cada sopro seu.

Os soldados nada disseram enquanto ele passava por cima da pequena casa em ruínas.

— Os Rishan foram erradicados desta zona — aventurou-se um deles, depois de um longo momento. — O resto dos nossos homens viajou para norte e...

O rei levantou a mão, e o guerreiro calou-se.

Ajoelhou-se perante a menina, que olhou para ele, furiosa. Tão nova, pensou ele. A sua vida, uma escassa meia dúzia de anos, não era nada comparada com os seus séculos de existência. No entanto, ela mostrava tanto ódio enquanto o fitava com fúria, os seus olhos brilhantes e prateados como a Lua.

— Foi encontrada aqui?

— Sim, senhor.

— É ela a razão para o sangue na tua mão?

Uma onda de risadas mal suprimidas dos outros guerreiros.

— Sim, senhor. — A resposta saiu-lhe ligeiramente envergonhada.

Pensavam que estava a escarnecer deles. Não. Aquilo não tinha que ver com eles.

Estendeu a mão para a rapariga, e ela mordeu-o. Ele deixou-a morder — não tirou a mão, mesmo quando os dentes, minúsculos como eram, se enterraram profundamente no seu indicador ossudo.

Ela olhou-o nos olhos, sem piscar, e ele devolveu-lhe o olhar com interesse crescente.

Aquele não era o olhar de uma criança em pânico, que não sabia o que fazia.

Era o olhar de uma criatura que sabia que enfrentava a morte e, mesmo assim, escolhia cuspir-lhe na cara.

— Uma pequena serpente — murmurou ele.

Os homens atrás dele riram-se. Ele ignorou-os. Não era uma piada.

— Estás sozinha? — perguntou baixinho.

A rapariga não respondeu. Não podia falar com os dentes apertados na sua carne.

— Se me largares — disse ele —, não te faço mal.

A rapariga não fez nada disso, ainda a olhar para ele cheia de ira; um fio de sangue negro escorria-lhe pelo queixo.

Os cantos dos lábios do rei curvou-se.

— Ainda bem. Não devias confiar em mim.

Libertou o dedo, depois retirou a rapariga dos destroços enquanto ela se debatia. Mesmo nos estertores da sua resistência violenta, manteve-se silenciosa. E só quando ele lhe pegou — Deusa, era tão leve, podia ter-lhe pegado só com uma mão — é que percebeu como se encontrava ferida, a roupa rasgada ensopada em sangue. O aroma doce do sangue permeou as suas narinas quando a aninhou contra o peito. Ela estava à beira da inconsciência, mas resistia-lhe, todo o corpo tenso.

— Descansa, pequena serpente. Não vai acontecer-te mal nenhum.

Acariciou-lhe a face, e ela tentou morder-lhe outra vez, mas uma centelha de magia correu pela ponta dos seus dedos. Com esse sussurro

noturno veio um sono sem sonhos, demasiado pesado até para aquela coisinha feroz lhe resistir.

— O que quer que façamos com ela? — perguntou um dos soldados.

O rei passou por eles.

— Nada. Eu levo-a.

Um instante de silêncio. Embora não pudesse vê-los, o rei sabia que olhavam uns para os outros, confusos.

— Para onde? — perguntou um, por fim.

— Para casa — respondeu o rei.

A criança adormeceu, a mão apertada com força no tecido de seda da camisa do rei — ainda a lutar debilmente, mesmo no sono.

Para casa. Ia levá-la para casa.

Porque o rei dos vampiros Hiaj — conquistador da Casa da Noite, abençoado pela deusa Nyaxia, e um dos homens mais poderosos a ter alguma vez caminhado sobre este mundo ou o próximo — via um fragmento de si próprio naquela criança. E ali, por baixo do punho cerrado, algo quente e agridoce se agitava no seu peito perante a sua imagem. Algo mais perigoso do que a fome.

Centenas de anos mais tarde, os historiadores e os académicos recordariam aquele momento. Aquela decisão que, um dia, faria tombar um império.

*Que estranha escolha, sussurrariam. Porque havia ele de fazer aquilo?*

Porquê, de facto.

Afinal de contas, os vampiros sabem melhor do que ninguém como é importante proteger os seus corações.

E o amor, compreendam, é mais afiado do que qualquer estaca.



Parte um

# CREPÚSCULO





## CAPÍTULO UM

Começou como prática. Só um pequeno jogo, um pouco de exercício. Algo que precisava de provar a mim mesma. Não tinha a certeza de quando evoluíra para um desporto — a minha secreta e vergonhosa rebelião.

Alguns podiam achar estúpido que eu, uma humana, caçasse à noite, pois ficava em considerável desvantagem em comparação com a minha presa. Mas era à noite que agiam e, por isso, era quando eu agia também.

Comprimi-me contra a parede, o punhal apertado com força nas mãos. A noite estava quente, como quando o calor do Sol se agarra à humidade do ar muito tempo depois de anoitecer. O cheiro pairava numa nuvem espessa e apodrecida — comida rançosa do lixo nos becos, sim, mas também carne em decomposição e sangue azedo. Os vampiros não se davam ao trabalho de limpar o que faziam aqui, nos bairros humanos da Casa da Noite.

Era suposto os humanos estarem seguros ali, dentro dos muros do reino — cidadãos, ainda que inferiores, mais fracos do que as Crias-da-Noite em todos os aspetos. Mas essa segunda verdade tornava quase invariavelmente a primeira irrelevante.

O homem era um Hiaj, as asas apertadas contra as costas. Pelos vistos, não era grande manuseador de magia, porque não as fizera desaparecer para a caça. Ou talvez apenas gostasse do efeito que tinham na presa. Alguns eram assim, exibicionistas. Gostavam de ser temidos.

Do telhado, vi o homem perseguir a presa — um rapazinho, talvez com dez anos, embora pequeno devido à malnutrição. O menino estava no quintal vedado de terra de uma casa de argila, a fazer saltar uma bola contra a terra uma e outra vez, ignorando a morte que se esgueirava na sua direção.

Era tão, tão estúpido o menino estar cá fora à noite, sozinho. Mas, por outro lado, eu sabia melhor do que ninguém que crescer com um perigo constante podia desgastar uma pessoa. Talvez a família tivesse mantido as crianças dentro de casa depois de escurecer todos os dias nos últimos dez anos. Bastava um lapso, uma mãe distraída que se esquecera de o chamar para dentro, uma criança rabugenta que não queria entrar para jantar. Uma noite na vida toda.

Acontecia muitas vezes.

Mas não seria naquela noite.

Quando o vampiro se moveu, também eu me movi.

Deixei-me cair do telhado para o empedrado. Não fiz barulho, mas a audição do vampiro era apuradíssima. Este voltou-se, saudando-me com olhos gélidos e um lábio repuxado que revelava um brilho de marfim afiado.

Reconhecia-me? Por vezes acontecia. Não lhe dei essa possibilidade.

Por esta altura já era quase rotineiro. Um sistema aperfeiçoado nas centenas de noites iguais àquela.

Primeiro as asas. Dois golpes, a atravessar cada uma — suficientemente profundos para o impedir de voar. Com os vampiros Hiaj, isso era fácil. A pele membranosa era delicada como papel. Por vezes apanhava vampiros Rishan, e era um pouco mais desafiante — as suas asas com penas tornavam-se mais difíceis de perfurar —, mas refinara a técnica. Este passo era importante, e portanto vinha primeiro. Precisava de os manter ali comigo no chão. Cometi o erro de saltar esse passo uma vez, e quase não sobrevivi para aprender a lição.

Não era mais forte do que eles, por isso os meus gestos tinham de ser precisos. Não havia tempo para erros.

O vampiro emitiu um som entre um arfar de dor e um rosnado de raiva. O bater do meu coração tornou-se um rufar rápido, o sangue próximo da superfície da minha pele. Perguntei-me se ele o cheirava. Passei a vida inteira a tentar esconder o fluxo do meu sangue, mas, nesse momento,



ficava contente com a sua existência. Tornava-os estúpidos. Aquele idiota nem sequer estava armado, e mesmo assim atirou-se a mim sem a mínima preocupação.

Eu adorava — adorava mesmo, honestamente — quando me subestimavam.

Um golpe de lâmina no flanco, sob as costelas. Outro na garganta. Não o suficiente para matar. O bastante para o fazer vacilar.

Empurrei-o contra a parede, uma lâmina a trespassá-lo a fim de o manter quieto. Tinha coberto os gumes com *Dhaivinth* — um paralisante de ação rápida, potente, embora pouco duradouro. Só funcionaria alguns minutos, mas era tudo o que precisava.

Ele só conseguiu fazer-me um par de arranhões na face com as pontas dos dedos afiadas como lâminas antes de os seus movimentos enfraquecerem. E no momento em que vi os seus olhos pestanejarem depressa, como se estivesse a tentar manter-se acordado, ataquei.

*Tens de empurrar com força para atravessar o eterno.*

Fiz isso — com força suficiente para quebrar o osso, abrir a passagem até ao seu coração. Os vampiros eram mais fortes do que eu em todos os aspetos — os corpos mais musculosos, os movimentos mais rápidos, os dentes mais afiados.

Mas os seus corações eram tão moles como o meu.

No momento em que a minha lâmina lhes perfurava o peito, ouvia sempre a voz do meu pai.

*Não desvies o olhar, pequena serpente,* soprava-me Vincent ao ouvido.

Eu não desviava. Nem nessa altura, nem agora. Porque sabia o que veria na escuridão. Veria a bela face de um rapaz que outrora amara, e a sua expressão no momento em que a minha faca deslizara dentro do seu peito.

Os vampiros eram os filhos da deusa da morte. Por isso tornava-se engraçado para mim que a temessem tanto quanto os humanos. Observava-os sempre, e via o horror espalhar-se pelos seus rostos quando percebiam que ela vinha buscá-los.

Pelo menos nisto, éramos iguais. Pelo menos no fim, somos todos uns miseráveis cobardes.

O sangue vampiro é mais escuro do que o humano. Quase preto, como se, camada por camada, tivesse sido escurecido pelo sangue humano e

animal, consumido ao longo dos séculos. Assim que deixei o vampiro cair, fiquei coberta do seu sangue.

Afastei-me um passo do corpo. Só então vi a família fitar-me — tinha sido silenciosa, mas não o suficiente para evitar ser vista quando estava praticamente à sua porta. O rapaz era agora apertado nos braços da mãe. Também se via com eles um homem, e outra criança, uma rapariga mais nova. Eram magros, as roupas simples e gastas, manchas de longos dias de trabalho. Encontravam-se os quatro parados à porta, os olhos fixos em mim.

Paralisei, como um veado apanhado por um batedor na floresta.

Estranho que fossem aqueles humanos esfomeados, não o vampiro, a transformar-me de caçador em presa.

Talvez fosse porque, quando estava com vampiros, sabia o que era. Mas quando olhava para aqueles humanos, as fronteiras ficavam desfocadas e mal definidas — como se observasse um reflexo deformado de mim mesma.

Ou talvez eu fosse o reflexo deles.

Eles eram como eu. No entanto, não encontrava nada em comum entre nós. Imaginava que, se abrisse a boca para falar com os vampiros, nem sequer entendessem os ruídos que eu produzia. Pareciam-me animais.

Era possível que uma parte de mim tivesse nojo deles, da mesma forma que tinha nojo das minhas falhas humanas. Todavia, a outra parte — talvez a que se recordava de que vivera outrora numa casa como aquela — desejava aproximar-se.

Não o faria, claro.

Não, eu não era vampira. Não restava a menor dúvida, todos os segundos de todos os dias. Mas também não era um deles.

Uma onda de frio atingiu-me a face. Toquei-lhe e os meus dedos ficaram molhados. Chuva.

As gotas interromperam o nosso silêncio estupefacto. A mulher deu um passo em frente, como se fosse dizer alguma coisa, mas eu já voltara a deslizar para as sombras.

